

481

POLÍTICAS PÚBLICAS E MODOS DE (DES)GOVERNAR A JUVENTUDE. *Bianca de Oliveira Ruskowski, Bruno Carlo Cerpa Aranda, Gabriela Silione, Geraldo Magela Campani de Castro Figueiredo, Marcos Vinícius da Silva Goulart, Mateus Silva, Palmo Celestino Ribeiro Franco, Vagner Medeiros Corrêa, Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto (orient.)* (UFRGS).

A temática Juventude e Políticas Públicas constitui umas das linhas de pesquisa do Programa "Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares". A "categoria" juventude se apresenta historicamente como um tema a ser tratado à medida que os jovens evidenciam os problemas sociais como desemprego, desqualificação, pobreza e ameaça à segurança e, por outro lado, alimentam idéias de rebeldia e modelo a ser perseguido. A partir dos anos 90 essa discussão entra na agenda brasileira de uma série de políticas públicas. Assim, o estudo visa problematizar quais são as políticas públicas brasileiras direcionadas para juventude no contexto atual, sobre que categorias são elaboradas e se visam um diálogo com os jovens, receptores dessas políticas. Essas questões orientam análise de documentos que apresentam as políticas públicas da juventude em 2005/2006, considerando as formações discursivas geradas por essas políticas, conforme Michel Foucault, e as discussões conceituais de Marília Sposito, Renato Janine Ribeiro, Luiz Antonio Groppo e José Machado Pais. Constatamos que os órgãos estatais têm como centralidade em suas proposições a perspectiva de "encaminhar" os jovens para o mercado de trabalho ou de "recuperá-los", seja de uma defasagem na educação (capacitação), seja de uma defasagem no caráter (medidas sócio-educativas). Mas essas "recuperações", têm sempre como fim último a inserção social a partir do mundo do trabalho. A pesquisa em andamento indica que temos em nossa sociedade uma profunda contradição em relação aos jovens, tendo em vista que a publicidade faz deles um alvo de consumo e, por outro lado, o Estado não tem capacidade de proporcionar as oportunidades necessárias para que esse status de consumidor se concretize efetivamente. Esse paradoxo alimenta a marginalização e reforça o estigma carregado pela juventude.